

# HOMENAGEM

## MAURÍCIO ROBERTO DA SILVA, O “CARA” DA MOTRIVIVÊNCIA



Alguém, muito apropriadamente, já disse que a Motrivivência tem a cara do Maurício. Não temos dúvidas quanto a isso! Até podemos dizer mais: se a revista fosse submetida a um exame de mapeamento genético lá encontraríamos certamente o DNA do Maumau!

Não é pra menos! Maurício, junto com alguns poucos e valorosos parceiros da Universidade Federal de Sergipe, “pariu” a Motrivivência, no distante ano de 1988. Tênhamos em conta o quanto isso se tratava de uma grande aventura: em uma universidade com pouca tradição acadêmica, num pequeno (o menor da federação) e pobre estado do nordeste brasileiro, criar uma revista acadêmica, quando havia, em todo o país, menos de 10 periódicos da Educação Física, todos no eixo Sudeste-Sul, não pode ser descrito de outra forma. Prova dessa dificuldade é que, daquelas todas, além da Motrivivência, só a Revista Brasileira de Ciências do Esporte (CBCE) continua existindo regularmente, sem mudanças de nome, nem interrupções significativas.

Ressaltemos ainda, para os mais jovens sobretudo, que não se tinha ainda experimentado o fenômeno da digitalização e da internet, portanto não apenas as revistas eram impressas em papel, a um alto custo, como todas as comunicações entre autores, editores, avaliadores, colaboradores e assinantes eram também feitas em papel, através de carta, por correio, selada! Imaginam o que isso significa? Percebem o tamanho da empreitada?

Além do mais, naquele momento histórico, no ano de 1988, o Brasil recém saíra de mais de 20 anos de regime militar, discutia a redação final da sua primeira Constituição

pós-ditadura e se preparava para votar para Presidente da República, 29 anos depois da última eleição. Os ventos da democratização e da renovação de esperanças sopravam, mas contendo, ainda, ameaças frequentes de retrocessos no ar. Nichos conservadores, até mesmo reacionários, permaneciam presentes e atuantes na sociedade e nas instituições – esses mesmos que hoje se manifestam com acentuado viés fascista. O Departamento de Educação Física da UFS não era diferente. E aí, Maurício e seus colegas de fundação da Motrivivência, para tornar a situação ainda mais emocionante, resolvem desafiar os cânones de uma Educação Física tradicional, baseada no pensamento higienista, militar e esportivo. E criam uma revista que, em seu projeto editorial, pleiteava criticamente espaços às abordagens socioculturais e pedagógicas da motricidade humana, tal como se nomeava, à época, o objeto da Educação Física, sob a influência direta do pensamento do professor português Manuel Sérgio Vieira e Cunha – que, por relato do próprio Maurício, foi uma espécie de parceiro da revista; ou, no mínimo, um indutor ao parto!

O título do editorial da primeira edição já anunciava sua ambição científica: “... Estamos partindo!” (Editores, 1988, p. 5)<sup>1</sup>. Nesta “partida”, já anunciavam contra o que a revista se dispunha a lançar suas críticas, num esforço superador: o autoritarismo dos currículos e dos modelos de avaliação, as visões cartesianas de homem, o disciplinamento e a instrumentalização dos corpos para o controle social e a obtenção de medalhas no esporte, etc. “Partindo” rumo a uma ruptura epistemológica do campo, que colocasse no centro das atenções o “homem em movimento, [...] em toda a dimensão da sua totalidade” (*id. ibid.*).

De lá para cá, são 30 anos de história da revista, tendo sempre à frente esse pernambucano/bahiano/sergipano/catarinense. Vamos saber um pouco mais sobre a trajetória do nosso homenageado.

Pernambucano de nascimento, Maurício cursou a licenciatura em Educação Física na Universidade Católica de Salvador/BA (1977), de onde saiu para Aracaju/SE, para ser professor do DEF da Universidade Federal de Sergipe, instituição da qual foi, inclusive, Pró-Reitor de Assuntos Estudantis. Durante os 15 anos que atuou na UFS, fez seu mestrado, como bolsista do DAAD, na Goethe Universität Frankfurt am Main/Alemanha.

De Aracaju, veio para a UFSC em 1993, trazendo na bagagem muitas experiências, boas e ruins, e um sonho: garantir a continuidade da veiculação da Motrivivência, que trouxera consigo! Em Florianópolis, Maurício e seu projeto editorial foram acolhidos pelo NEPEF, núcleo de estudos pedagógicos recém-formado no Centro de Desportos/UFSC, que assumiu a responsabilidade pela editoração da revista. Bem mais tarde, em 2012, já circulando apenas em versão digital e hospedada, como um dos periódicos fundadores, no Portal de Periódicos da Biblioteca Universitária/UFSC, a Motrivivência teve sua editoria assumida pelo LaboMidia/UFSC, sua situação atual, sempre contando com o Maurício como o editor-chefe.

A ousadia e irreverência do Maurício, tal como em Sergipe, também incomodaram muitos por aqui. Mesmo assim, ninguém consegue negar sua importância como docente,

1 <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/18671>

pesquisador, formador e orientador para o curso de Educação Física e o PPGEF/UFSC. Seus métodos desafiavam “quintais” já cercados e acomodados; suas aulas lembravam as aulas-espetáculo de Ariano Suassuna; por seu ímpeto inovador, sobretudo pela ênfase na pesquisa, na produção/veiculação e na relevância social do conhecimento produzido, ele marcou a formação de várias gerações de acadêmicos no Centro de Desportos/UFSC.

O doutoramento em Ciências Sociais aplicadas à Educação na Faculdade de Educação da UNICAMP (2000) e, depois, o pós-doutorado em Estudos da Criança, na Universidade do Minho, em Braga/Portugal (2007), o levaram a qualificar e tornar ainda mais rigorosos e ambiciosos seus estudos e investimentos em pesquisa na Educação Física e na Educação. Suas áreas de interesse acadêmico incluem, além da metodologia da pesquisa, os campos do lazer, trabalho, infância e lazer, das desigualdades sociais, das periferias empobrecidas, das crianças urbanas, do campo e indígenas, entre outros.

Depois de aposentado pela UFSC, Maurício foi docente e orientador, por mais de 5 anos, junto ao mestrado em Educação da Unochapecó, no oeste catarinense, curso que ajudou a fundar e consolidar. Por lá também foi editor da Revista Pedagógica.

Nestes mais de 40 anos de atividades acadêmicas no ensino superior, Maurício publicou vários livros, capítulos de livros e artigos; orientou incontáveis TCCs, várias dissertações e participou de inúmeras bancas de mestrado e doutorado. Organizou e participou de projetos e eventos científicos e classistas, no Brasil e no exterior. É palestrante, organizador de inúmeros “cafés filosóficos” e também atua no campo sindical docente e nos movimentos sociais, como atesta sua participação na greve de fome dos docentes das universidades federais, em 1998. Maurício sempre faz do seu engajamento militante mais uma oportunidade de educar, de mediar uma formação cultural, no sentido frankfurtiano do conceito.

Ao lado dessa trajetória acadêmico-científica respeitável, sua sensibilidade o leva sempre a experimentar novos desafios no campo das artes. Poeta, Maurício canta, encena, dança e fotografa... Recentemente, sua exposição de fotos das Bandeirolas de São João encantou o público em Aracaju e em Florianópolis.

Como se vê, as trajetórias de ambos, Maurício e Motrivivência, são indissociáveis. Assim, se iniciamos essa fraterna homenagem ao amigo Maurício dizendo que a Motrivivência tem a cara dele, permitimo-nos agora fazer uma correção: na verdade, o Maumau é o “Cara” da Motrivivência. Sempre foi assim, nestes 30 anos da revista. E que assim seja, no mínimo, nos próximos 30...

Florianópolis, abril/2018 - 30º ano da Motrivivência

Comissão Editorial  
(com a colaboração de Iara Regina Damiani)